



OFICINA DE TEATRO COMO EXPERIMENTO DE COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR

THEATER WORKSHOP AS AN EXPERIMENT IN COMBATING SCHOOL VIOLENCE

TALLER DE TEATRO COMO EXPERIMENTO PARA COMBATIR LA VIOLENCIA ESCOLAR

Márcia Cristina Baltazar¹

Luana Emelly Santos²

Resumo: O texto é um relato de experiência do curso de teatro intitulado “Teatro como antídoto à violência escolar”, ministrado pela professora universitária Márcia Baltazar, com a colaboração da bolsista de extensão Luana Emelly Santos, para a turma do Programa Sergipano Idade Certa (PROSIC), na escola Centro de Excelência Professor José Carlos de Sousa, em Aracaju/SE. O objetivo do curso foi diminuir o incômodo da própria turma e dos(as) professores(as) diante dos comportamentos dos alunos, sobretudo, de algazarra, indisciplina e *bullying*. Buscou-se realizar o jogo Coro Afetivo das Instituições e Somática, o qual é uma cópia da metodologia do Teatro Social dos Afetos, acrescida de procedimentos advindos da educação somática. Apresenta-se o pensamento de alguns autores sobre a violência e a metodologia teatral escolhida. Descreve-se três encontros com a turma, relatando os acordos e as dinâmicas teatrais adotadas. Conclui-se que não conseguimos reproduzir a metodologia Coro Afetivo das Instituições e Somática, mas conseguimos aprofundar reflexões sobre a violência cotidiana na vida desses(as) alunos(as).

Palavras-chave: Violência. Aula de Teatro. Teatro Social dos Afetos.

Abstract: The text is an experience report of the theater course entitled “Theater as an antidote to school violence”, taught by university professor Márcia Baltazar, with the collaboration of extension scholarship holder Luana Emelly Santos, for the class of the Sergipe Age-Right Program (PROSIC), at the Centro de Excelência Professor José Carlos de Sousa school, in Aracaju/SE. The objective of the course was to reduce the discomfort of the class itself and the teachers in the face of the students’ behavior, especially rowdiness, indiscipline and bullying. The aim was to carry out the game Affective Choir of Institutions and Somatics, which is a copy of the methodology of the Social Theater of Affections, added to procedures arising from somatic education. The thoughts of some authors on violence and the chosen theater methodology are presented. Three meetings with the class are described, reporting the agreements and the theater dynamics adopted. It is concluded that we were unable to reproduce

¹ Doutora em Artes, pelo Instituto de Artes da Unicamp com enfoque nas artes cênicas. Professora adjunta do Curso de Teatro/Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5455-1287> E-mail: marciabaltazar@academico.ufs.br

² Graduanda em Dança, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9140-9772> E-mail: luanaemelly12@icloud.com

the Affective Choir of Institutions and Somatics methodology, but we were able to deepen reflections on everyday violence in the lives of these students.

Keywords: *Violence. Theater Class. Social Theater of Affections.*

Resumen: *El texto es un relato de experiencia del curso de teatro “El teatro como antídoto a la violencia escolar”, impartido por la profesora universitaria Márcia Baltazar, con la colaboración de la becaria de extensión Luana Emelly Santos, para la clase del Programa Sergipano Edad Certa (PROSIC). , en la escuela Centro de Excelencia Professor José Carlos de Sousa, en Aracaju/SE. El objetivo del curso era reducir el malestar de la propia clase y de los profesores ante las conductas de los estudiantes, especialmente el revuelo, la indisciplina y el acoso escolar. El objetivo fue crear el juego Coro Afetivo das Instituições e Somática, que es una copia de la metodología del Teatro Social de los Afectos, además de procedimientos derivados de la educación somática. Se presentan los pensamientos de algunos autores sobre la violencia y la metodología teatral elegida. Se describen tres encuentros con la clase, reportando los acuerdos y dinámicas teatrales adoptadas. Se concluye que no pudimos reproducir la metodología del Coro Afetivo de Instituciones y Somática, pero sí pudimos profundizar reflexiones sobre la violencia cotidiana en la vida de estos estudiantes.*

Palabras clave: *Violencia. Clase de Teatro. Teatro Social de los Afectos.*

Introdução

Este artigo apresenta, de forma resumida, aspectos da violência urbana pesquisados pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, apontando, como modo de combate à violência, o favorecimento da cultura democrática. Considerando, como Masschelein e Simons (2014), a escola como viveiro da democracia, relatamos uma experiência de curso de extensão que nomeamos como “Teatro como antídoto à violência escolar”.

O curso foi ministrado pelas duas autoras e fez parte dos projetos aprovados pelo programa de inovação social, SOCIALIZE-SE, da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2024. A experiência ocorreu junto com a turma escolar do Programa Sergipano Idade Certa (PROSIC), na escola estadual Centro de Excelência Professor José Carlos de Sousa, em Aracaju/SE. O objetivo do curso foi diminuir o incômodo da própria turma e dos(as) professores(as) diante dos comportamentos dos alunos, sobretudo, de algazarra, indisciplina e bullying.

Buscamos colocar em prática uma metodologia de vivência com o teatro apresentada como planejamento no artigo “Procedimentos metodológicos de ensino de artes cênicas para



devios de situações de violência em escolas” (Baltazar, 2021). O plano de curso era voltado para a realização do “Coro Afetivo das Instituições e Somática”, que é uma cópia da metodologia do Teatro Social dos Afetos (Fernandes; Garcia, 2021), acrescida de procedimentos advindos da Educação Somática.

Antes de relatarmos a experiência propriamente dita, optamos por apresentar um apanhado geral, no âmbito das pesquisas brasileiras, sobre violência urbana e violência nas escolas.

Violência, Democracia e Escola

Pesquisando sobre a violência no contexto sócio-histórico brasileiro, encontramos um artigo de Sergio Adorno, fundador do Núcleo de Estudos da Violência, no qual são estudados os desafios em nossa ainda imatura democracia para a diminuição da violência e a manutenção dos direitos humanos (Adorno, 2013). Os pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência sustentam que a violência e a criminalidade têm razões muito mais complexas do que a falta de segurança pública. Um aspecto é que os jovens dos subúrbios urbanos costumam ver no crime organizado uma oportunidade de acesso ao mundo do consumo e “a possibilidade de estabelecer uma identidade masculina associada à honra, virilidade e status social”. O resultado é uma cultura suburbana cada vez mais centrada no individualismo, no “tirar vantagem de tudo” e “fazer dinheiro fácil” (Adorno, 2013, p. 416).

Outro aspecto é o aumento da violência e da criminalidade policial nas últimas décadas. Há indícios de que policiais do Rio de Janeiro e de São Paulo sejam recompensados pelo crime organizado para execuções extrajudiciais (Cubas, 2013 *apud* Adorno, 2013, p. 417). Além disso e de tantos outros aspectos da violência urbana, como linchamentos e chacinas, temos os assassinatos decorrentes de brigas domésticas que não têm nada em comum com os motivos da criminalidade urbana das grandes cidades (Adorno, 2013, p. 418).

Para Adorno, a transição neoliberal brasileira em encontro à globalização teve influência na chegada do crime organizado no país, sobretudo devido aos “espetaculares avanços tecnológicos desenvolvidos na área de computação e comunicações”. Além disso, admite-se que atividades ilegais estejam sincronizadas com a expansão da corrupção dentro do Estado



criando uma corrupção sistemática. “Sabe-se que os policiais se beneficiam do tráfico, exercem atividades de proteção e até mesmo administram esses negócios” (Adorno, 2013, p. 422).

Assim, o pesquisador conclui que “a progressão da democracia na sociedade não está isenta de conflitos. Na verdade, os conflitos podem se intensificar como resultado da democracia” (Adorno, 2013, p. 422). Na verdade, os conflitos podem se intensificar como resultado da democracia” (Adorno, 2013, p. 422). Tais conflitos não serão apenas entre instituições, mas entre gerações velhas e novas, entre lideranças com diferentes compromissos com o bem público e contradições internas até mesmo entre grupos sociais. Para Adorno:

As reivindicações por formas cada vez mais enérgicas de repressão e a proteção e a promoção dos direitos humanos tornam-se polarizadas. Não deveria ser surpresa que os líderes do crime organizado adotem formas medievais de disciplina baseadas no terror e na crueldade bárbara, ao mesmo tempo que adotam meios de comunicação muito sofisticados, bem como misturam o terror com a solidariedade, e até pregam a sua crença na democracia, na igualdade e liberdade. Sendo assim, então, deverão as contradições e os conflitos que expressam não só a presença da violência, mas também os conflitos que permeiam a consolidação da democracia, a segurança e a promoção dos direitos humanos, fazerem parte da mesma gramática, e a redução da violência exigir a fortalecimento da experiência democrática, e não a sua interrupção. (Adorno, 2013, p. 423, tradução nossa).

Dentre os pesquisadores que se debruçam nos estudos da violência, é praticamente consensual que a violência é sistêmica: está inserida num ciclo de violência social que implica várias esferas do convívio humano. Diante dessa constatação e elegendo como antídoto à violência o convívio democrático, – como aconselha o Núcleo de Estudos da Violência –, colocamos em destaque o direito à educação escolar como meio de experiência de igualdade e democracia.

Segundo Masschelein e Simons (2014), a escola propicia uma experiência de igualdade porque nela é outorgado a todos os cidadãos o direito ao tempo livre para o aprender e, sendo igualitária, a escola se torna fértil à experiência democrática enquanto formação.

A escola se baseia na hipótese de igualdade. Oferece o mundo como um bem comum, a fim de permitir a sua renovação através da formação de interesse e de curiosidade. A escola é, portanto, não só uma invenção democrática como também uma invenção comunista pelas quais o mundo não somente é transmitido, mas também libertado – a escola cria um “bem comum” (Masschelein; Simons, 2014, p. 83).



Mas nem mesmo a escola escapa aos ataques da violência. Em recente publicação, o Ministério da Educação, através de um grupo de especialistas em violência nas escolas, se debruçou na análise do recente aumento de ataques contra as escolas no Brasil com o objetivo de propor medidas para o combate à violência nas escolas.

Resumidamente, o Relatório aponta que “os ataques de violência extrema contra as escolas são frequentemente praticados por alunos e ex-alunos, quase sempre como uma reação a ressentimentos, fracassos e violências experienciadas na vida e na comunidade escolar” (Brasil, 2023, p. 8).

Os ataques às escolas, normalmente – em que pese especificidades –, são copycat crimes (crimes por imitação). Copycat crimes são delitos que se baseiam ou são inspirados em um crime anterior. Isso favorece e explica o “efeito de onda”, estabelecido no Brasil desde 2017 e exacerbado nos últimos meses.

Até aqui, os agressores, em 100% dos casos do sexo masculino, foram motivados por discursos de ódio e/ou comunidades online de violência extrema.

A cooptação desses adolescentes ocorre, principalmente, em interações virtuais, cujas estratégias incluem humor, estética e linguagem violentas, especialmente misóginas, machistas e racistas, em plataformas de Internet utilizadas pelos grupos extremistas com fins de organizar comunidades de ódio e mobilizar ataques, resultando em impunidade por conta do anonimato (Brasil, 2023, p. 9-10).

Neste mesmo relatório, os especialistas elencam várias ações para o enfrentamento da violência nas escolas voltadas, por exemplo, para a regulação em forma de leis e políticas de combate a esses tipos de violências. Também, propõem ampliar as pesquisas de diagnóstico e monitoramento sobre o tema; sugerem ações de proteção, assistência e atenção psicossocial nas escolas; apregoam a gestão democrática e a convivência escolar e defendem a educação integral com conteúdos curriculares para a educação em direitos humanos. No Relatório, há a menção de forma genérica de incentivo às ações artísticas extracurriculares para a promoção da noção de pertencimento à escola e à educação para a equidade e diversidade.

Enfim, quanto às propostas curriculares para o enfrentamento da violência nas escolas, os pesquisadores brasileiros parecem estar incentivando, sobretudo, os círculos de paz ou ações da chamada cultura de paz. Isso é visto também no Relatório do Ministério da Educação (Brasil, 2023).



Enquanto professora de Artes Cênicas (uma das autoras), sabemos que as práticas do exercício coletivo de criação e investigação para a representação cênica favorecem a formação na cultura da paz. Em 2021, publicamos um artigo apresentando uma proposta de ensino de Artes Cênicas agregando diferentes abordagens de Artes Cênicas e voltada para escolas com problemas de violência (Baltazar, 2021). A partir da compreensão sobre as possibilidades de atuação no controle da violência advindos do campo da Psicologia Social, apresentamos uma metodologia para ser aplicada em escolas, agregando o Teatro Social dos Afetos (Fernandes; Garcia, 2021), baseado no Teatro do Oprimido; nas metodologias somáticas da Técnica Klauss Vianna e do Movimento Autêntico. Em 2024, através de um projeto de extensão na Universidade Federal de Sergipe (UFS), colocamos em prática o plano de curso formulado em 2021.

Metodologia

A metodologia do curso está em Baltazar (2021) e a nomeamos como Coro Afetivo das Instituições e Somática. Trata-se de uma cópia da metodologia “Teatro Social dos Afetos (TSA)” (Fernandes; Garcia, 2021), acrescentando a educação somática para o jogo “Coro Afetivo das Instituições”. A metodologia do TSA objetiva atuar no controle da violência escolar e parte de pressupostos da Psicologia Social, da Filosofia de Espinosa e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Em nossa proposição, agregamos à proposta de ensino do TSA as metodologias somáticas da Técnica Klauss Vianna e do Movimento Autêntico considerando o foco dessas abordagens na percepção do movimento.

O “Coro Afetivo das Instituições e Somática” é um jogo a ser desenvolvido em oito etapas que podem ser oito aulas de, no mínimo, uma hora e meia, ou seja, aulas duplas, considerando o tempo de 50 minutos para cada aula escolar. Tal ação foi executada pela professora universitária, com a assistência de uma discente bolsista, cujas funções foram o registro, a descrição e a transcrição dos diálogos realizados durante as aulas de teatro, organizando-os através de uma escrita crítica sobre os efeitos e os limites de tal experiência na lida com os conflitos encontrados.

Realizamos esse experimento no Centro de Excelência Professor José Carlos de Sousa (CEPJCS), em Aracaju, numa região central da cidade. Chegamos até essa escola, porque fomos



indicados pela Pró-reitora de Extensão da UFS, dado que queríamos realizar nosso projeto. Trata-se de uma escola de grande porte, que oferece ensino fundamental e ensino médio. A maioria dos(as) alunos(as) não mora perto da escola e, portanto, não há um caráter comunitário nessa escola.

Em conversa com a diretora e diante da nossa necessidade de trabalhar com uma turma que tivesse comportamentos violentos, pactuamos um curso de teatro, com uma aula semanal de uma hora e meia para a turma do Programa Sergipano Idade Certa. O Programa Sergipano Idade Certa (PROSIC) é o nome dado às turmas escolares nas quais se agrupam todos(as) os(as) alunos(as) com histórico de reprovação escolar e que, segundo a projeção do Ministério da Educação, estariam atrasados quanto ao processo de escolarização.

No caso da turma PROSIC 4, os(as) alunos estavam num processo de aprendizagem para a conclusão do ensino fundamental II. Havia 26 alunos(as) na turma, com idade média de 16 anos e com distribuição equitativa entre homens e mulheres. A Coordenação nos propiciou trabalhar com tal turma, porque havia muitas queixas dos(as) professores(as) quanto ao comportamento desses(as) alunos(as) relativos à indisciplina e às ofensas aos(as) professores(as). Nosso acordo com a Direção foi que haveria oito aulas de Teatro para essa turma, o nome do curso seria: “Teatro como antídoto à violência escolar” e tentaríamos melhorar o comportamento deles e delas em relação aos professores e seus estudos.

Nossas aulas ocorreram sempre às terças-feiras, no horário duplo logo após o intervalo de recreio. O local foi na chamada “Sala de espelho”, uma sala com espelho em uma parede, chão frio, cadeiras, colchonetes e outros materiais que poderiam ser dispostos como quiséssemos.

Ao conhecermos a turma, pedimos a autorização de seus responsáveis para o registro de imagens e vozes dos(as) participantes. Recebemos doze documentos assinados. Notamos que para os(as) demais, o motivo da não assinatura foi, sobretudo, o esquecimento.

Resultados e discussão - Atividades desenvolvidas

Adiantamos que não conseguimos aplicar a metodologia Coro Afetivo das Instituições e Somática (Baltazar, 2021) com essa turma e, no decorrer do texto, iremos explicar sobre isso.



1º encontro em 03/09/2024

Em nosso primeiro encontro, o objetivo foi conhecer a turma e fazer um acordo sobre como levaríamos o curso de Teatro. Tomamos como metodologia norteadora a mediação proposta por Fernandes e Garcia (2021) para a formação de grupo e o desenvolvimento de um processo educacional grupal.

Segundo as autoras, para se formar qualquer grupo, é preciso que haja um interesse em comum. É preciso estabelecer regras para a conquista do objetivo em comum e os acordos precisam ser cumpridos ou repactuados coletivamente para que haja confiança interna no grupo e no processo grupal.

No livro (Fernandes, Garcia, 2021) há uma atividade baseada nos círculos restaurativos que objetiva a criação de acordos em grupo. A proposta começa com o pedido de resposta à seguinte questão: “Quais são as suas características quando você está no seu melhor?” (p. 50). Após a disposição das respostas escritas em papéis e em círculo no centro da roda torna-se visível a potência do grupo. Em seguida, o mediador(a)/professor(a) pergunta quais acordos são necessários para que todos estejam no seu melhor durante os encontros/aulas. A partir das respostas, os acordos são estabelecidos coletivamente além de estabelecidas também as soluções para quando tais acordos não forem cumpridos. (Baltazar, 2021, p. 10).

Chegando à primeira aula do curso, houve uma euforia típica da apresentação de uma professora nova e sua estagiária. A disposição em círculo, sentados no chão sobre os colchonetes, também foi algo que provocou algazarra. Percebemos que fazer chamada para tentar conhecer o nome de cada um e controlar a participação da turma, além de distribuir e explicar o termo de autorização de captação de imagem e depoimento, foram escolhas ruins, pois o nível de ruído era altíssimo e mal nos ouviam.

Saí da aula com a fala rouca de tanto falarmos alto para sermos ouvidas, já pensando em outras estratégias para a chamada e o recolhimento das autorizações – quem passou a fazer isso foi a estagiária durante as aulas seguintes. Enfim, desconsiderando a euforia e o ruído, a turma foi receptiva às duas professoras e relativamente amistosa entre si, mesmo com alguns *bullyings*.

Apresentamo-nos e dissemos o nosso objetivo com aquele curso, além de contar como havíamos chegado até a turma PROSIC 4. Ao perguntarmos sobre as expectativas deles e delas



sobre tal curso – mais um, segundo alguns comentários dos(as) alunos(as) – a maioria não sabia dizer ou dizia que ia piorar. Alguns poucos esperavam que a situação da indisciplina da turma melhorasse com as aulas de Teatro.

Fizemos a pergunta sobre o que lhes estava incomodando na escola e nos disseram que o comportamento da turma estava prejudicando cada um quanto à aprendizagem. Relataram acordos que não eram mantidos por alguns e algumas e que esses comportamentos interferiam no geral da turma, porque desencadeavam reações e descontentamentos. A turma analisou um pouco sobre o porquê de sempre eles/elas começarem a bagunça, mas não chegaram a um consenso.

Também perguntamos sobre gostar de estudar: 4 responderam que gostavam de estudar, 5 que não gostavam, 13 estavam indecisos. Porém, todos e todas queriam passar de ano e cursar o ensino médio ou sair da escola para trabalhar.

A contradição apareceu quando eles e elas responderam que gostavam de ir à escola e gostavam relativamente da turma, porém a turma sempre está em conflito entre si e com os(as) professores(as).

Após essa investigação sobre a turma, pedimos para que comparassem a situação que vivem em sala de aula com situações em que estão se sentindo bem e estão no “seu melhor” (Fernandes; Garcia, 2021, p. 50). Descrevemos, em três papéis, como nos sentimos quando estamos bem. Houve uma resistência por parte deles e delas para escreverem o que lhes deixava bem, uma aluna saiu da sala, porém logo após a professora persistir um pouco, ela voltou, e todos os(as) adolescentes realizaram a proposta. Surgiram as seguintes palavras: contemplativa(o), adrenalina, com namorada, animação, sentir-se especial, sonho, saudade, em competição, sociável, jogando bola, realização, na praia, paz, alívio, comendo, comprando, liberdade, apaixonado(a), suavidade, emoção, sentir-se importante, corajoso, equilíbrio, memória da mãe, calma, amor, família.

Ao final da aula, foi acordado que traríamos o nosso estado de “melhor” em cada aula de Teatro, que iria ter momentos de escuta recíproca e que, se alguém se sentisse forçado a não estar no seu melhor, reclamaria, sendo sincero e coerente com seus sentimentos.



Figura 2: Contrato que foi assinado entre professoras e alunos(as)

**TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO
CURSO TEATRO COMO ANTÍDOTO À VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Pelo presente TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO, nós, alunos, alunas do **PROSIC 4**, a professora **Márcia Baltazar** e a bolsista **Luana Emelly Santos**, vimos, através do presente termo inteirar que estamos de acordo em **TRANSFORMAR E MANTER AS AULAS COMO MOMENTOS PRAZEROSOS, DE ESCUTA E DE CONTENTAMENTO PARA OS E AS PRESENTES.**

Assim, mediante este instrumento, **CADA UM(A) DECLARA QUE ESTÁ DISPOSTO(A)S A DAR O SEU MELHOR, QUE TEM CIÊNCIA DO QUE ESTÁ CONTRA O SEU MELHOR OU A SUA VERDADE E QUE PODERÁ REFUTAR CASO SE SINTA DESCONFORTÁVEL. E, POR FIM, DEVERÁ SER ACATADO(A).**

QUANDO A TURMA OU ALGUÉM DA TURMA COMEÇAR A CRIAR UM CLIMA NO QUAL NÃO SE DEIXA O MELHOR ACONTECER, PODEREMOS FALAR E PEDIREMOS QUE A PESSOA RECUE. CADA UM(A) CONCORDA EM ASSUMIR A RESPONSABILIDADE EM ESTAR DISPONÍVEL PARA FAZER TODAS AS DINÂMICAS DAS AULAS, BEM COMO ASSUMIR O COMPROMISSO DE RESOLVER QUALQUER CONFLITO QUE POSSA SURGIR EM AULA.

Aracaju, Centro de Excelência Prof. José Carlos de Sousa, 10 de setembro de 2024.

Fonte: arquivo das autoras.

Em seguida, passamos, finalmente, para a primeira dinâmica de educação somática. Apresentamos a escuta do corpo da Técnica Klaus Vianna (TKV), massageando os pés e observando as nossas reações com essa ação. Ao perguntar a eles e elas quando se atentavam ao corpo, uma resposta que nos chamou a atenção foi: “Quando quebramos um osso”. Exatamente isso era para ser feito, estando saudável!

Na segunda aula, houve menos algazarra que na primeira, mas mesmo assim, não era uma turma fácil de conduzir. Nossa segunda proposta somática foi o aquecimento da TKV nos níveis baixo, médio e alto. Deitados no chão, utilizando os apoios do corpo para a passagem ao nível alto. Ocorreu resistência em soltarem os celulares e ficarem entregues para a dinâmica, porém, ao decorrer, foram desacelerando e se entregaram à dinâmica.

Em seguida, apresentamos o treinamento que realizamos com Carlos Simioni, do Grupo de Teatro Lume, com o propósito de junção da voz com o movimento corporal. A turma achou muito engraçada a exposição da professora.

Após a demonstração, foi pedido que mostrassem algum gesto, usando também a voz, que expressasse, numa relação orgânica entre ação e voz, um gesto de sofrimento de violência. Durante a execução desse jogo, foi também debatido sobre o ciclo de violência que eles e elas presenciavam ou executavam e quais eram as suas causas. Muitos(as) disseram que faziam por impulso ou defesa.

Nesta aula, foram apresentados dois gestos de violência, nos quais há diferentes reações das vítimas. Para as apresentações, os(as) alunos(as) pediram ajuda aos/às colegas para fazerem as ações de agressão.

1ª Ação - Nesta ação, a vítima apresenta uma reação.

A vítima, ao se encontrar em um momento de violência, tem uma reação instintiva em que sua mão dominante vai em direção a parte mais próxima do corpo do agressor, em que, do gesto, há uma reverberação na fala dita assim: “Aqui, fio do cabrunco!”.

2ª ação - Nesta ação a vítima não apresenta uma reação.

A vítima ao se encontrar em uma situação de violência em que sofre a agressão, sente-se como inferior, ou com medo, e não demonstra a reação em agredir mutuamente o seu agressor.

Ao final da aula, os(as) participantes saíram da sala com contentamento. Estávamos mantendo os nossos melhores.

3º encontro em 24/09/2024

Demos início ao terceiro encontro recebendo os(as) alunos(as) na porta da sala, perguntando os nomes deles(as) e, em seguida, dizíamos: “(fulano), eu estou aqui” e eles e elas respondiam: “Eu estou te vendo”. Este também é um jogo que Fernandes e Garcia (2021, p. 77) denominado “Escutatória”. Também na entrada para a sala de aula, entregamos um papelzinho com a frase “O que você sente quando presencia um ato de violência?”. Pedimos que respondessem para si mesmos.



Quanto ao comparecimento, após uma semana sem aula devido a um evento na escola, nesse terceiro dia, tivemos várias faltas no curso de Teatro. A turma estava menor e a condução da aula foi relativamente mais fácil. Fizemos a dinâmica de escuta do corpo massageando os pés, o aquecimento partindo do chão e nos levantando com a utilização de apoios, além dos exercícios para a junção da ação e gesto (treinamentos nomeados como “prisioneiro” e “freio-de-mão” (Baltazar, 2010).

Foi debatido brevemente sobre situações de violência e como reagimos a elas. Em seguida, tentamos seguir as etapas 2 e 3 do “Coro afetivo das instituições” (Fernandes; Garcia, 2021), no qual a turma toda repete gestos de agressão e sofrimento de violência propostos por um(a) participante.

Conseguimos repetir com a turma toda apenas o seguinte gesto, que tinha sido executado na aula anterior por uma aluna:

Gesto 1: Todos ficaram de pé em círculo e fizeram um gesto de socar alguém falando a frase “Toma, fio do cabrunco!”.

Como esse gesto, embora tenha surgido como reação a uma violência sofrida, tornou-se uma agressão, fomos a busca de gestos de recebimento de violência. Candidatando-se, um aluno fez uma cena de opressão, em que ele sofria a agressão, era empurrado ao chão e não reagia. Tal gesto não foi acatado pela turma para ser reproduzido.

Como outra tentativa, houve a encenação de uma festa, na qual há um esbarrão entre dois indivíduos e um acaba derrubando a bebida do outro. Ocorre briga logo em seguida e o indivíduo que teve sua bebida derrubada efetua um disparo no outro. Eu perguntei para a turma quem seria o indivíduo da arma e responderam que seria um “ex-policia! cheiradão na festa”.

Na tentativa de codificar um gesto de vítima de violência, pedi para que não houvesse reação agressiva na cena após a derrubada da bebida, e sim, um aceite do pedido de desculpas. Tais propostas eram sempre refletidas com a turma antes de serem executadas.

Mas, ainda não tínhamos as ações de agressão e sofrimento de violência que deveriam ser depois reproduzidas, seguindo a metodologia de Fernandes e Garcia (2021). Como última tentativa do dia, dois alunos e uma aluna encenaram uma festa em que o homem tenta ficar com a mulher, ela recusa e ele age agressivamente com ela. Um amigo do homem intervém dizendo que ela conhecia os homens do tráfico.



Com todas essas cenas, fomos conhecendo as circunstâncias que aqueles(as) alunos(as) viviam ou sabiam de violências. Ao final de cada encenação, sempre debatíamos com perguntas e lançando outras possibilidades de desenvolvimento das cenas. Por exemplo, logo após essas últimas cenas, surgiram perguntas se somente homens portavam arma em festa, se havia mulheres no tráfico e qual seria a diferença de comportamento entre homens e mulheres nessas situações. Alguns alunos disseram que a mulher teria mais apoio se sofresse uma agressão. Já no debate sobre o poder no tráfico, a aula se encerrou com os relatos dos(as) alunos(as) sobre como a traição da mulher é vista e como raspam o cabelo da mulher nessas situações.

A imagem do corte de cabelo da mulher que trai um homem importante do tráfico nos chocou profundamente e lembramos de uma cena do espetáculo “Tantas Outras Quantas” (Baltazar, 2010). Diante da percepção de que não estávamos conseguindo selecionar com a turma dois gestos de agressão e dois gestos de sofrimento de violência, para prosseguir com a metodologia proposta para o curso e, diante da iminência de um intervalo sem aulas de Teatro para aquela turma, devido ao calendário universitário, resolvemos, como finalização de uma etapa do curso, apresentar uma cena do espetáculo “Tantas Outras Quantas”, fazendo um debate com eles e elas sobre os estados somáticos que a personagem mostra em cena.

Tal procedimento artístico pedagógico merecerá outro artigo e, para este momento, sigamos a algumas conclusões desse processo no curso “Teatro como antídoto à violência escolar”.

Conclusão

Como vimos, autores que pesquisam o combate à violência, propagam o diálogo, a escuta e o cultivo de uma cultura democrática, na qual a fala sincera resolve mais que a força para o rompimento dos circuitos de violência.

Com a turma do ensino fundamental II, PROSIC 4, do Centro de Excelência Professor José Carlos de Sousa, em Aracaju, Sergipe, tentamos desenvolver a metodologia “Coro Afetivo das Instituições e Somática” (Baltazar, 2021) num curso de Teatro cujo objetivo era diminuir o incômodo da própria turma e dos(as) professores(as) diante dos comportamentos dos(as) alunos(as), sobretudo, de algazarra e indisciplina.



Observamos que a conversa que realizamos em nosso primeiro encontro acabou surtindo resultados. Isso porque, os(as) alunos(as) passaram a entrar em nossa sala de aula, sabendo o intuito do que iam fazer e o que tinham se comprometido. Com isso, observamos que a colaboração para o desenvolvimento de nossas aulas foi cada vez maior.

Quanto ao nosso objetivo de ensinar a escutarem o corpo através da educação somática, isso não foi alcançado. Observo que para que isso acontecesse, além de necessitarmos de mais encontros, a turma precisaria adquirir maior grau de investimento comportamental para adentrar a esse conhecimento minucioso de nossos estados corpo-mentais. Acredito que tal perspectiva de visão passou apenas por um instante, quando associaram o tipo de atenção somática ao estado de percepção de quando quebramos um osso de nosso corpo.

Já quanto ao Teatro Social dos Afetos (Fernandes; Garcia, 2021), conseguimos realizar alguns procedimentos, mas não conseguimos desenvolver completamente a proposta do Coro Afetivo das Instituições. No entanto, diante das especificidades e riquezas da turma PROSIC 4 do CEPJCS, propusemos outra metodologia de junção da arte teatral à reflexão sobre antídotos à violência. Na última aula, apresentamos uma cena do espetáculo “Tantas Outras Quantas” e paulatina e repetidamente, fomos esmiuçando os estados somáticos de sofrimento de violência e também da sua execução.

Esperamos que nossa ação de extensão tenha deixado entre os(as) participantes experiências que eles e elas possam resgatar se precisarem combater ciclos de violência em suas vidas.

Referências

ADORNO, Sergio. Democracy in Progress in Contemporary Brazil: Corruption, Organized Crime, Violence and New Paths to the Rule of Law. **International Journal of Criminology and Sociology**, v. 2, p. 409-425, 2013.

BALTAZAR, Márcia C. Procedimentos metodológicos de ensino de artes cênicas para desvios de situações de violência em escolas. *In*: CONGRESSO DA ABRACE, 11., 2021. **Anais [...]**, v. 21, 2021. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/authorDashboard/submission/128370>. Acesso em: 27 nov. 2024.



BALTAZAR, Márcia C. **Corpo que age, sente e pensa**: dramaturgias do meu corpo e do encontro de durações. Paralelo com a filosofia de Henri Bergson. 2010. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. **Relatório final**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FERNANDES, Kelly Cristina; GARCIA, Daniela Fontes. **O Teatro Social dos afetos e a violência na escola**. E-book. Publicado digitalmente em janeiro/2021, São Paulo, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Uma questão pública. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Recebido: 30.10.2024

Aceito: 03.12.2024

Publicado: 19.12.2024



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).